

# MEIO SÉCULO DEPOIS, A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA PERMANECE RELEVANTE

Half a century later, *The authoritarian personality* remains relevant  
Medio siglo después, *La personalidad autoritaria* sigue siendo relevante

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo, Autoritarismo, humanização, Adorno.

KEYWORDS: Fascism, Authoritarianism, Humanization, Adorno.

PALABRAS-CLAVE: fascismo, autoritarismo, humanización, adorno.

ADORNO, Theodor W. et al. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

Sergio Schargel\*

A ascensão de movimentos de extrema-direita antidemocráticos pelo mundo trouxe consigo a edição e reedição de diversos livros sobre autoritarismo. Entre esses, o clássico de Theodor W. Adorno em conjunto com outros pesquisadores, *Estudos sobre a personalidade autoritária*, traduzido competentemente pela primeira vez para o português em edição da Editora UNESP. Apesar de seus mais de 50 anos, a edição em português veio em boa hora: o livro é peça essencial para se compreender fenômenos que não morreram em 1945, como o fascismo e o antissemitismo. Não sem motivo foi tema de mais de “2 mil estudos sobre autoritarismo entre os anos de 1950 e 1990”<sup>1</sup>.

Um projeto que teve início ainda durante a Guerra, com um grupo em grande parte composto por exilados, *Personalidade autoritária* se baseia em duas premissas básicas: o fascismo não é exclusivo da Alemanha e existem aspectos sociais e psicológicos que favorecem sua ascensão. Para realizar isso, mescla vários campos do saber. Da mesma forma que o próprio Adorno o era, este livro trafega na interdisciplinaridade, de uma forma que seu conteúdo é útil e recomendável a qualquer pesquisador interessado no pensamento da direita/extrema-direita, seja um psicanalista, um cientista político, um sociólogo, entre outros.

\*Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica-Rio. Atualmente é Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo, doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense. Contato: Avenida Professor Lineu Prestes, 338, CEP: 05508-000, São Paulo-SP, Brasil. E-mail: sergioschargel\_maia@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Em uma primeira parte mais densa, os pesquisadores aplicam uma análise quantitativa baseada em escalas, da qual vale destacar a Escala do Fascismo. A segunda parte, não menos rica, aprofunda análises qualitativas e discute os resultados das entrevistas em profundidade, na tentativa de explicar o fenômeno do racismo, do antissemitismo e do fascismo. Surpreende em duas chaves: primeiro a percepção da internacionalidade do fascismo ainda em 1944, quando o estudo teve início; em segundo o aporte empírico, mais de 2000 entrevistas em profundidade.

Vale ressaltar o cuidado com a tradução em conjunto de um trio de tradutores, bem como da opção de recorte. Das quase mil páginas da versão em inglês, chegou-se a cerca de 500 do livro, além de 100 de elementos pré e pós-textuais. Apesar de ter praticamente a metade do livro original, a tradução é eficiente e não passa a sensação de quebrar a leitura. Ao contrário, comparando o original com a versão brasileira, tem-se a impressão de que a leitura ficou mais fluida, mais prática, ainda que mantendo as ideias e os argumentos principais sem mutilá-los. Para isso, a edição privilegiou as passagens de Adorno sobre a dos demais pesquisadores, sem, entretanto, excluí-los: os levantamentos deles na primeira metade são essenciais à compreensão das análises de Adorno na segunda parte do livro.

A maior contribuição de *Personalidade autoritária* é mostrar, tanto no quantitativo quanto no qualitativo, que o fascismo não é uma exclusividade alemã e/ou do período entreguerras, mas “o filho bárbaro da democracia de massas”<sup>2</sup>. Por mostrar, através de seus multimétodos, como “cada ser humano tem um fascista implorando para sair”<sup>3</sup>, e que não há sociedade imune de seu bacilo. Nesse sentido, reforça os argumentos de Wilhelm Reich<sup>4</sup>, por exemplo, quando este afirma que o fascismo é uma estrutura psíquica enrustida do homem médio, esmagado pelas configurações urbanas e estruturas políticas modernas. Como um animal preso em uma coleira, que reage agressivamente quando solto. Para isso, o trabalho de coleta de Adorno *et al*<sup>5</sup> é essencial por mostrar como o “fascismo não era um episódio isolado, mas estava presente de forma latente em amostras da população norte-americana”.

Tão mais interessante, é um ponto colocado em destaque durante todo o livro: ainda que sujeitos pontuem alto nas quatro escalas temáticas (Antissemitismo, Etnocentrismo, Conservadorismo político-econômico e Fascismo), buscam manter um verniz democrático durante as conversas. Ainda que alguns relativizem ou até defendam o Holocausto<sup>6</sup>, há em constante uma preocupação em se afirmar como defensor da democracia (e até mesmo em acusar minorias perseguidas de, essas sim, estarem atacando a democracia). Alguns defendem que o erro de Hitler não foi a perseguição aos judeus, mas ter levado “as coisas um pouco longe demais”<sup>7</sup>, ao mesmo tempo em que as “leis da democracia deveriam favorecer as pessoas

brancas e gentias”. Na prática, assim, um malabarismo do sentido de democracia não muito distinto do que faz Mussolini<sup>8</sup> em sua doutrina ao afirmar que o Fascismo promove o oxímoro “democracia autoritária”; ou Orbán, para utilizar um exemplo contemporâneo, com o nome orwelliano de “democracia iliberal”<sup>9</sup>.

O ponto mais interessante dentre os levantados pelos pesquisadores, desta forma, é menos os abertamente antidemocratas e mais aqueles com uma personalidade autoritária latente, isto é, propensos a apoiar o autoritarismo se as circunstâncias propícias aparecerem. Assim, chega-se ao título do livro: a personalidade autoritária é menos sobre um fascista ou um autoritário declarado, e mais sobre o indivíduo propenso a tornar-se um. E por isso perceberam que o fascismo não é uma exclusividade da Alemanha ou da Itália: os traços enrustidos de autoritarismo são comuns<sup>10</sup>, bem como intrinsecamente interligados à intolerância, racismo e/ou antissemitismo. O que não se alterou muito de 1950 para hoje. É de conhecimento nos estudos sobre democracia a incapacidade de realizar uma pergunta direta em um *survey*, por exemplo, sobre apoio aberto e declarado a uma alternativa autoritária. Ainda assim, mesmo com essa dificuldade em identificar, uma pesquisa do Latinobarómetro<sup>11</sup> encontrou no Brasil de 2018 cerca de 60% da população contra ou indiferente à democracia. E testes qui-quadrados confirmaram uma associação entre essa rejeição e um medo do futuro econômico. Em tempos de propaganda maciça a partir de notícias falsas estapafúrdias, a análise da personalidade autoritária latente, que aflora com o amálgama de propaganda, do ressentimento, do medo e da sensação de crise, se torna tão atual quanto na década de 1940.

Para exemplificar essa questão, o livro abre com uma discussão em profundidade sobre dois indivíduos, Mack e Larry, que, por mais que dividam traços em comuns (homens, brancos, universitários, idade, conservadores), mostram-se ideologicamente distintos – Mack sendo um “pseudoconservador” ou reacionário, enquanto Larry é um conservador genuíno. A discussão entre esses dois indivíduos, ainda que concentrada nos capítulos no início do livro, permeiam todo o livro como exemplo metodológico e empírico de um baixo e um alto pontuador, respectivamente um mais ligado à democracia e outro com traços fortes de intolerância e autoritarismo. Isso porque, ainda que representem um alto e um baixo, Mack e Larry não estão nos extremos da escala, personificando, assim, a maior parte dos indivíduos entrevistados. Mack, por exemplo, não hesita em manifestar antissemitismo, concedendo aos judeus imagens contraditórias que se repetem por grande parte do livro: simultaneamente fracos e fortes, sectários e assimilados, inteligentes e burros, entre outras tantas<sup>12</sup>. De forma parecida, o autoritário, quando afirma o seu preconceito, tende a conceder poderes sobrenaturais a um

grupo socialmente marginalizado, confundindo o seu próprio grupo como vítima – o que, em última instância, serve para justificar a repressão, tal como o foi com Hitler, o Holocausto e o *Protocolo dos sábios do Sião*. Ademais, Adorno *et al* mostram, através de vários exemplos durante o livro, como o autoritário pratica “concessões” aos grupos desumanizados, no sentido de, para tentar um *mea culpa* após destilar a sua intolerância, ressaltar supostas qualidades desses grupos – ainda que essas qualidades, elas próprias, incorram em estereótipos como o exemplo do judeu como bom homem de negócios.

Entre as várias opções disponíveis, *A personalidade autoritária* se destaca como uma das principais para os interessados no tema. Ainda que se aproxime de um século de sua publicação, o estudo permanece atual e essencial para compreender o autoritarismo contemporâneo. Estudos atuais que utilizam a mesma metodologia do livro de Adorno *et al* – como a pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *Medo da violência e apoio ao autoritarismo*<sup>13</sup> –, evidenciam a impressão que o leitor tem ao terminar de ler o livro: o fascismo não morreu em 1945. E não morreu porque o fascismo transcende sua versão historiográfica ou política e, como os autores mostram, é até mesmo um traço de personalidade. Do qual se decorre o pioneirismo do estudo de Adorno *et al*, ao mostrarem os traços latentes de autoritarismos que, ainda que suprimidos, podem facilmente evoluir para autoritarismos escancarados se as devidas condições forem preenchidas.

## Notas

<sup>1</sup> ADORNO, Theodor W. *et al. Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 17.

<sup>2</sup> RIEMEN, Rob. Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. Entrevista concedida a Sergio Schargel. *Revista Cantareira*, Niterói, nº 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>. Acesso em: 09 set. 2021.

<sup>3</sup> SUNSTEIN, Cass (org.). *Can it happen here? Authoritarianism in America*. Harper Collins: New York, 2018, p. IX.

<sup>4</sup> REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XII.

<sup>5</sup> ADORNO, Theodor W. *et al.* op. Cit, p.14.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 335-336.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 335.

<sup>8</sup> MUSSOLINI, Benito. *My autobiography*: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006, p. 247.

<sup>9</sup> HELLER, Agnes. Por que a Hungria se rendeu ao extremista Orbán e como controlar o ensino é essencial para seu projeto. *El País Brasil*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620\\_542476.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620_542476.html). Acesso em: 08 set. 2021.

<sup>10</sup> ADORNO, Theodor W. *et al.* op. Cit, p. 22.

<sup>11</sup> Latinobarómetro. *Latinobarómetro 2018: banco de dados*. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>. Acesso em: 12 mai. 2021.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>13</sup> LIMA, R. *et al.* Medo da violência e apoio ao autoritarismo no Brasil. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: [http://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/medo-da-violencia-e-o-apoio-ao-autoritarismo-no-brasil/](http://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/medo-da-violencia-e-o-apoio-ao-autoritarismo-no-brasil/). Acesso em: 27 set. 2021.